

**FILOSOFIA
ANTIGA**

INTRODUÇÃO

O que é isso que existe? Quem é o homem? O que é tudo isso que nos circunda? Por que existe o ser e não o nada? Por que eu e não outro? A minha existência é casual ou existe algo que a direciona?

Perguntas semelhantes e determinados eventos permitiram que alguns pensadores sistematizassem o conhecimento até então existente e proporcionaram por alguns meios a sua transmissão.

O que permitiu o nascimento de um pensamento ocidental, dentro dos ditames de certos princípios e métodos? O que permitiu que na Grécia tivesse o ambiente e a inspiração justa para ter início o pontapé da aventura filosófica ocidental?

O que dirigia a vida desses pensadores? O que eles buscavam e o que propunham? Qual o valor de seus questionamentos e de suas possíveis soluções? Como podemos entrar nesse mundo maravilhoso e que pode suscitar um novo desejo e admiração em relação à realidade e sobre nós mesmos? Vamos agora juntos fazer um pequeno caminho para os compreender e nos inserirmos nessa história antiga e sempre actual.

O SURGIMENTO DO PENSAMENTO GREGO

No período em que se estudavam os mitos, suas origens, desenvolvimento e significado existiam várias formas de tornar compreensíveis o surgimento de todas as coisas. Houve um momento em que tais explicações deixaram de ser suficientes para levar as pessoas, seja por meio da razão ou de provas incontestáveis, a acreditarem em tais explicações. Surgiu então a filosofia, uma forma de conhecimento capaz de explicar as diversas mudanças e maravilhas que ocorriam na natureza, pois a mitologia - ciência que estudava os mitos - já não conseguia mais dar conta de explicar fatos que nem mesmo ela, com toda sua sabedoria, conseguia compreender. Apesar das contradições da mitologia, a filosofia nasceu fortalecida por fatos históricos que aconteceram e contribuíram para esclarecer as diversas modificações ocorridas. Os fatos históricos acima citados e que fortaleceram o avanço da filosofia foram:

* Viagens marítimas - navegando por territórios antes desconhecidos os gregos perceberam que as criaturas imaginárias criadas pela mitologia grega não eram reais e que também não existiam deuses em outras regiões, como sugeria a mitologia e sim seres humanos. Também concluíram que os mares não eram moradia de monstros e outros seres. Com as viagens o mundo perdeu seu caráter mítico ou lendário, os exploradores descobriram um mundo repleto de

belezas e conhecimentos, seu surgimento foi sendo esclarecido pouco a pouco, mistério este que a mitologia já não conseguia explicar. * Invenção do calendário - Os gregos aprenderam que era possível contar o tempo das estações do ano, definindo quando e de que forma aconteciam as mudanças do clima e do dia, notando que o tempo passava por transformações espontaneamente e não por intervenções divinas. * Invenção da moeda - Os gregos aprenderam a arte de negociar, não mais se efetuava a venda de uma mercadoria aceitando como pagamento a troca por mercadoria semelhante, o pagamento tornou-se monetário, ou seja, a moeda substituiu o poder de troca. * Surgimento da vida urbana - O desenvolvimento da cidade trouxe aos gregos uma situação financeira mais igualitária, o prestígio social que antes era benefício de apenas algumas famílias diminuiu, assim como o prestígio que detinham. As artes ganharam patrocinadores, estimulando assim o surgimento de novos artistas. Invenção da escrita alfabética - O uso do alfabeto fez com que os gregos se expressassem de forma mais clara, colaborando para que suas idéias fossem melhor compreendidas e difundidas pelo mundo afora, levando a sabedoria as pessoas. * Invenção da política - Surgiram novas fontes de informação, a lei passou a abranger muitas outras coisas e chegou até as pessoas, criou-se uma área pública voltada para discursos e debates, local no qual os gregos debatiam e propagavam suas idéias a

respeito da política.

A PASSAGEM DO MITO A RAZÃO GREGA

A filosofia chegou timidamente, tentando mostrar a humanidade que o mundo não era perigoso e cheio de monstros como a mitologia pregava e aos poucos vêm conquistando seu espaço, avançando cada vez mais nas profundezas do saber. Os principais seres mitológicos da Grécia Antiga foram: - Heróis : criaturas mortais, filhos de deuses com seres humanos. Exemplo : Hércules e Aquiles. - Ninfas : seres femininos que residiam nos campos e bosques, irradiando alegria e felicidade por onde passavam. - Sátiros : vulto com corpo de homem, chifres e patas de bode. - Centauros : corpo constituído por metade homem metade cavalo. - Sereias : mulheres com metade do corpo em formato de peixe, seduziam os marinheiros com seus cantos fascinantes. - Górgonas : espécie feminina, com formato de monstros e cabelos de serpentes. Exemplo: Medusa - Quimeras : combinação de leão com cabra, lançavam fogo pelas ventas.

OS FILOSOFOS NATURALISTAS

Vamos considerar, brevemente, os primeiros passos da filosofia em nossa cultura ocidental. O primeiro período da filosofia começa no século VI a.C., e termina dois séculos depois, nos fins do século V. Surge e floresce fora da Grécia propriamente dita, nas prósperas colônias gregas da Ásia Menor, do Egeu (Jônia) e da Itália meridional, da Sicília, favorecido pelas liberdades democráticas e pelo bem-estar econômico. A preocupação central dos filósofos deste período refere-se aos problemas cosmológicos, nos quais a tônica que unifica esse pensamento é estudar o mundo exterior nos elementos que o constituem, na sua origem e nas contínuas mudanças a que está sujeito. A forma inicial da filosofia nascente será uma cosmologia, uma explicação da ordem do mundo, do universo, pela determinação de um princípio originário e racional, a origem e a causa das coisas e de sua ordenação. Ao nascer como cosmologia, a filosofia procura ser a palavra racional, a fundamentação pelo discurso da origem e ordem do mundo, isto é, do todo da realidade, do ser. Os primeiros filósofos não pretenderam explicar apenas a origem das coisas e da ordem do mundo, mas também e sobretudo as causas das mudanças e repetições, das diferenças e semelhanças entre as coisas, seu surgimento, suas modificações e transformações e seu desaparecimento ou corrupção e morte. “Para os primeiros filósofos, pré-socráticos naturalistas, há um princípio primeiro (arché) a partir do

qual tudo se origina. Esse princípio é um elemento natural, não personificado em força divina. É a primeira forma de filosofia no ocidente”.

OS PRE-SOCRATICOS

Os Períodos Principais do Pensamento Grego

Consoante a ordem cronológica e a marcha evolutiva das idéias pode dividir-se a história da filosofia grega em três períodos: I. Período pré-socrático (séc. VII-V a.C.) - Problemas cosmológicos. Período Naturalista: pré-socrático, em que o interesse filosófico é voltado para o mundo da natureza; II. Período socrático (séc. IV a.C.) - Problemas metafísicos. Período Sistemático ou Antropológico: o período mais importante da história do pensamento grego (Sócrates, Platão, Aristóteles), em que o interesse pela natureza é integrado com o interesse pelo espírito e são construídos os maiores sistemas filosóficos, culminando com Aristóteles; III. Período pós-socrático (séc. IV a.C. - VI p.C.) - Problemas morais. Período Ético: em que o interesse filosófico é voltado para os problemas morais, decaindo entretanto a metafísica; IV. Período Religioso: assim chamado pela importância dada à religião, para resolver o problema da vida, que a razão não resolve integralmente. O primeiro período é de formação, o segundo de apogeu, o terceiro de decadência. Primeiro Período O primeiro período do pensamento grego toma a denominação substancial de período naturalista, porque a nascente especulação dos filósofos é instintivamente voltada para o mundo exterior, julgando-se encontrar aí também o princípio unitário de todas as coisas; e toma, outrossim, a denominação cronológica de período pré-

socrático, porque precede Sócrates e os sofistas, que marcam uma mudança e um desenvolvimento e, por conseguinte, o começo de um novo período na história do pensamento grego. Esse primeiro período tem início no alvor do VI século a.C., e termina dois séculos depois, mais ou menos, nos fins do século V. Surge e floresce fora da Grécia propriamente dita, nas prósperas colônias gregas da Ásia Menor, do Egeu (Jônia) e da Itália meridional, da Sicília, favorecido sem dúvida na sua obra crítica e especulativa pelas liberdades democráticas e pelo bem-estar econômico. Os filósofos deste período preocuparam-se quase exclusivamente com os problemas cosmológicos. Estudar o mundo exterior nos elementos que o constituem, na sua origem e nas contínuas mudanças a que está sujeito, é a grande questão que dá a este período seu caráter de unidade. Pelo modo de encarar e resolver, classificam-se os filósofos que nele floresceram em quatro escolas: Escola Jônica; Escola Itálica; Escola Eleática; Escola Atomística. Leia mais: <http://www.mundodosfilosofos.com.br/presocratico.htm#ixzz3csJA45Ij>

Escola Jônica A Escola Jônica, assim chamada por ter florescido nas colônias jônicas da Ásia Menor, compreende os jônios antigos e os jônios posteriores ou juniores. A escola jônica, é também a primeira do período naturalista, preocupando-se os seus expoentes com achar a substância única, a causa, o princípio do

mundo natural vário, múltiplo e mutável. Essa escola floresceu precisamente em Mileto, colônia grega do litoral da Ásia Menor, durante todo o VI século, até a destruição da cidade pelos persas no ano de 494 a.C., prolongando-se porém ainda pelo V século. Os jônicos julgaram encontrar a substância última das coisas em uma matéria única; e pensaram que nessa matéria fosse imanente uma força ativa, de cuja ação derivariam precisamente a variedade, a multiplicidade, a sucessão dos fenômenos na matéria una. Daí ser chamada esta doutrina hilozoísmo (matéria animada). Os jônios antigos consideram o Universo do ponto de vista estático, procurando determinar o elemento primordial, a matéria primitiva de que são compostos todos os seres. Os mais conhecidos são: Tales de Mileto, Anaximandro de Mileto, Anaxímenes de Mileto. Os jônios posteriores distinguem-se dos antigos não só por virem cronologicamente depois, senão principalmente por imprimirem outra orientação aos estudos cosmológicos, encarando o Universo no seu aspecto dinâmico, e procurando resolver o problema do movimento e da transformação dos corpos. Os mais conhecidos são: Heráclito de Éfeso, Empédocles de Agrigento, Anaxágoras de Clazômenas. Tales de Mileto (624-548 A.C.) "Água" Tales de Mileto, fenício de origem, é considerado o fundador da escola jônica. É o mais antigo filósofo grego. Tales não deixou nada escrito mas sabemos que ele ensinava ser a água a substância única de todas as coisas. A terra era

concebida como um disco boiando sobre a água, no oceano. Cultivou também as matemáticas e a astronomia, predizendo, pela primeira vez, entre os gregos, os eclipses do sol e da lua. No plano da astronomia, fez estudos sobre solstícios a fim de elaborar um calendário, e examinou o movimento dos astros para orientar a navegação. Provavelmente nada escreveu. Por isso, do seu pensamento só restam interpretações formuladas por outros filósofos que lhe atribuíram uma idéia básica: a de que tudo se origina da água. Segundo Tales, a água, ao se resfriar, torna-se densa e dá origem à terra; ao se aquecer transforma-se em vapor e ar, que retornam como chuva quando novamente esfriados. Desse ciclo de seu movimento (vapor, chuva, rio, mar, terra) nascem as diversas formas de vida, vegetal e animal. A cosmologia de Tales pode ser resumida nas seguintes proposições: A terra flutua sobre a água; A água é a causa material de todas as coisas. Todas as coisas estão cheias de deuses. O imã possui vida, pois atrai o ferro. Segundo Aristóteles sobre a teoria de Tales: elemento estático e elemento dinâmico. Elemento Estático - a flutuação sobre a água. Elemento Dinâmico - a geração e nutrição de todas as coisas pela água. Tales acreditava em uma "alma do mundo", havia um espírito divino que formava todas as coisas da água. Tales sustentava ser a água a substância de todas as coisas. Anaximandro de Mileto (611-547 A.C.) "Ápeiron"

Anaximandro de Mileto, geógrafo, matemático,

astrônomo e político, discípulo e sucessor de Tales e autor de um tratado Da Natureza, põe como princípio universal uma substância indefinida, o ápeiron (ilimitado), isto é, quantitativamente infinita e qualitativamente indeterminada. Deste ápeiron (ilimitado) primitivo, dotado de vida e imortalidade, por um processo de separação ou "segregação" derivam os diferentes corpos. Supõe também a geração espontânea dos seres vivos e a transformação dos peixes em homens. Anaximandro imagina a terra como um disco suspenso no ar. Eterno, o ápeiron está em constante movimento, e disto resulta uma série de pares opostos - água e fogo, frio e calor, etc. - que constituem o mundo. O ápeiron é assim algo abstrato, que não se fixa diretamente em nenhum elemento palpável da natureza. Com essa concepção, Anaximandro prossegue na mesma via de Tales, porém dando um passo a mais na direção da independência do "princípio" em relação às coisas particulares. Para ele, o princípio da "physis" (natureza) é o ápeiron (ilimitado). Atribui-se a Anaximandro a confecção de um mapa do mundo habitado, a introdução na Grécia do uso do gnômon (relógio de sol) e a medição das distâncias entre as estrelas e o cálculo de sua magnitude (é o iniciador da astronomia grega). Ampliando a visão de Tales, foi o primeiro a formular o conceito de uma lei universal presidindo o processo cósmico total. Diz-se também, que preveniu o povo de Esparta de um terremoto. Anaximandro julga que o

elemento primordial seria o indeterminado (ápeiron), infinito e em movimento perpétuo. Fragmentos "Imortal...e imperecível (o ilimitado enquanto o divino) - Aristóteles, Física". Esta (a natureza do ilimitado, ele diz que) é sem idade e sem velhice. Hipólito, Refutação. Anaxímenes de Mileto (588-524 A.C.) "Ar" Segundo Anaxímenes, a arkhé (comando) que comanda o mundo é o ar, um elemento não tão abstrato como o ápeiron, nem palpável demais como a água. Tudo provém do ar, através de seus movimentos: o ar é respiração e é vida; o fogo é o ar rarefeito; a água, a terra, a pedra são formas cada vez mais condensadas do ar. As diversas coisas que existem, mesmo apresentando qualidades diferentes entre si, reduzem-se a variações quantitativas (mais raro, mais denso) desse único elemento. Atribuindo vida à matéria e identificando a divindade com o elemento primitivo gerador dos seres, os antigos jônios professavam o hilozoísmo e o panteísmo naturalista. Dedicou-se especialmente à meteorologia. Foi o primeiro a afirmar que a Lua recebe sua luz do Sol. Anaxímenes julga que o elemento primordial das coisas é o ar. Fragmentos "O contraído e condensado da matéria ele diz que é frio, e o ralo e o frouxo (é assim que ele expressa) é quente". (Plutarco). "Com nossa alma, que é ar, soberanamente nos mantém unidos, assim também todo o cosmo sopra e ar o mantém". (Aécio). Leia mais: <http://www.mundodosfilosofos.com.br/presocratico.htm#ixzz3csJOIOKw>

SOCRATES

Sócrates foi o pioneiro do que atualmente se define como Filosofia Ocidental. Nascido em Atenas, por volta de 470 ou 469 a.C., seguiu os passos do pai, o escultor Sofrônio, ao estudar seu ofício, mas logo depois se devotou completamente ao caminho filosófico, sem dele esperar nenhum retorno financeiro, apesar da precariedade de sua posição social. Seu trabalho seria marcado profundamente pelos textos de Anaxágoras, outro célebre filósofo grego. No início, Sócrates caminhou pelas mesmas veredas dos sofistas, mas ao retomar seus princípios ele os universalizou, empreendendo a jornada típica do pensamento grego. Suas pesquisas iniciais giraram em torno do núcleo da alma humana. Até hoje este filósofo é sinônimo de integridade moral e sabedoria, pois sempre agiu com ética, responsabilidade, e tornou-se padrão de perfeita cidadania. Ele desprezava a política e não se adaptava à vida pública, embora tenha exercido algumas funções no quadro político, inclusive como soldado. Seu método filosófico ideal era o diálogo, através do qual ele se comunicava da melhor forma possível com seus contemporâneos, no esforço de transmitir seus conhecimentos para os cidadãos gregos. Além de legar ao mundo sua sabedoria sem par, ele também formou dois discípulos fundamentais para a perpetuação e desenvolvimento de seus ensinamentos - Platão e Xenofontes -, embora não tenha deixado por escrito o

fruto de suas pregações. Encontre a faculdade certa para você Casado com Xantipa, nunca priorizou sua família, sempre entregue ao exercício dos dons de que era dotado. Sua essência crítica e justa o levava a crer que tinha uma importante missão, a de multiplicar seres igualmente dotados de sabedoria, probidade, moderação. Este caminho o levaria a se chocar com a cúpula dos governantes, na qual conquistaria inimigos e insatisfação. A contundência de sua fala, o rigor de sua personalidade, seu viés crítico e mordaz, suas idéias muitas vezes opostas à estrutura social vigente e o método educativo de que se valia, geraram-lhe antagonistas no seio da estrutura política que então dominava a Grécia. O comportamento de Sócrates desencadeou em sua prisão, acusado por Mileto, Anito e Licon, de perverter a juventude e renegar os deuses cultuados pelos gregos, trocando-os por outros. Recebendo a oportunidade de advogar a seu favor, diante do tribunal e dos homens, ele se recusou, pois não pretendia renunciar ao que acreditava e ao que pregava a seus conterrâneos. Ele preferia ser condenado pela justiça terrena e preservar, diante da imortalidade, a verdade de sua alma. Assim, optou pela morte, decretada por seus juízes, através do voto da maioria. Mesmo diante da chance de fugir, arquitetada por seu seguidor Criton, com a complacência da justiça grega, ele recuou, pois não desejava ferir as leis de seu país. Ao esperar a execução de sua sentença, prorrogada por um mês - graças a uma lei que não

permitia o cumprimento desta pena enquanto um navio empreendesse uma jornada até Delos, oferecida em cumprimento de um voto -, preparou-se psicologicamente para esta viagem além-túmulo, em conversas espiritualizadas com seus amigos. Após ter bebido calmamente seu cálice de cicuta, veneno mortal, ele teria dito “devemos um galo a Esculápio”, pois acreditava que o suposto deus da Medicina o tinha libertado da enfermidade conhecida como ‘vida’, liberando-o para a morte. Desta forma ele partiu em 399 a.C., aos 71 anos.

OS SOCRATICOS MENORES

Socráticos menores

Os socráticos, no sentido pleno da palavra, são Platão e Aristóteles que veremos adiante. Mas é necessária uma breve menção sobre os socráticos menores, que fundaram escolas e procuraram juntar a filosofia socrática com a do período anterior. São quatro: Escola Megárica ou de Megara, Escola Elíaca (1), Escola Cirenaica ou Hedonista e Escola Cínica. Escola Megárica: Fundada pelo discípulo de Sócrates, Euclides de Megara (444 a 369 AC), tentou juntar a ética de Sócrates com o monismo antológico dos eleatas, ou, de outra forma, desenvolver a filosofia eleática a partir do ponto de vista ético. Escola Elíaca: Fundada pelo discípulo de Sócrates, Fédon, da cidade de Elis, não teve grande discrepância da escola megárica. Os filósofos aqui também se entregaram em demasia a dialética erística (2). Nada de maior importância há na História sobre estes filósofos. Escola cirenaica ou Hedonista: Fundada por Aristipo de Cirene (435 a 355 AC), discípulo de Sócrates, ensinou o subjetivismo sensível, quer dizer, que a especulação é vã e que a sensação nada nos ensina fora do presente estado subjetivo. Os cirenaicos aplicaram este subjetivismo da sensibilidade na Ética.: o supremo humano não é a virtude, mas a felicidade, e esta, por sua vez, consiste no deleite que deve ser considerado como um prazer que passa e não como um estado ou maneira

permanente. O conhecimento e a virtude não passam de meios para alcançar o deleite, o primeiro (conhecimento) remove os entraves, o que nos separa da aquisição de prazer, e a virtude nos ajuda a ser moderados no deleite, para que possam ser gozados por mais tempo. Escola cínica: Fundada por Antístenes de Atenas (444 a 369 AC), discípulo de Górgias e depois de Sócrates, cultivou a princípio a ética socrática, mas desviou para um exagero de desapego da civilização que consideravam a causa dos homens não serem bons. Desejaram uma volta a vida mais primitiva possível afirmando que aquele que é inteiramente feliz não necessita de cultura e da civilização. Diógenes de Sinope é um dos discípulos deste escola. (1) - vários autores não citam a escola Elíaca. (2) Erística - na antiguidade grega arte ou técnica de disputa argumentativa no debate filosófico, desenvolvida sobretudo pelos sofistas, e baseada na habilidade verbal e acuidade de raciocínio. (dicionário Houaiss)

PLATAO E A METAFISICA OCIDENTAL

Platão foi um dos principais filósofos gregos da Antiguidade. Ele nasceu em Atenas, por volta de 427/28 a.C., foi seguidor de Sócrates e mestre de Aristóteles. O nome pelo qual ficou conhecido era possivelmente um apelido, aparentemente ele se chamava Arístocles. Este filósofo se encontrava no limiar de uma época, entre os valores antigos e um novo mundo que emergia, o que lhe propiciou uma riqueza de idéias sem igual. Ele tinha o poder de abordar os temas mais diversos, mais com a força da paixão e da criatividade artística do que com a lucidez da razão. Sua obra é um dos maiores legados da Humanidade, abrangendo debates sobre ética, política, metafísica e teoria do conhecimento.

Ao contrário de Sócrates, que vinha de uma origem humilde, Platão era integrante de uma família rica, de antiga e nobre linhagem. Ele conheceu seu ilustre mestre aos vinte anos. Sócrates era bem mais velho, pelo menos quarenta anos separavam ambos, mas eles puderam desfrutar de oito anos de aprendizado conjunto. Platão teve acesso também, por meio de seu professor, aos ideais pré-socráticos. Com a morte de seu preceptor, o filósofo isolou-se, com outros adeptos das idéias socráticas, em Mégara, ao lado de Euclides. Encontre a faculdade certa para você Depois de viajar pela Magna Grécia e pela Sicília, Platão regressou a Atenas e fundou a Academia, que em breve se tornou conhecida e freqüentada por um grande número de

jovens que vinha à procura de uma educação melhor. Até intelectuais consagrados acorriam a esta instituição para debater suas idéias. Depois de várias tentativas de difundir seus conceitos políticos em Siracusa, na Sicília, Platão se instala definitivamente em sua terra natal, na liderança da Academia, até sua morte, em 347 a.C. Dos filósofos da Antiguidade, Platão é o primeiro de quem se conhece a obra integral. Mas muitos de seus diálogos não são autênticos, embora supostamente assinados por ele. Seu estilo literário é o diálogo, uma espécie de ponte entre a oralidade fragmentária de Sócrates e a estética didática de Aristóteles. Nos escritos de Platão mesclam-se elementos mito-poéticos com fatores essencialmente racionais. Este filósofo não se guia pelo rigor científico, nem por uma metodologia formal. Em Platão a filosofia ganha contornos e objetivos morais, apresentando assim soluções para os dilemas existenciais. Esta práxis, porém, assume no intelecto a forma especulativa, ou seja, para se atingir a meta principal do pensamento filosófico, é preciso obter o aprendizado científico. O âmbito da filosofia, para Platão, se amplia, se estende a tudo que existe. Segundo o filósofo, o homem vivencia duas espécies de realidade - a inteligível e a sensível. A primeira se refere à vida concreta, duradoura, não submetida a mudanças. A outra está ligada ao universo das percepções, de tudo que toca os sentidos, um real que sofre mutações e que reproduz neste plano efêmero as

realidades permanentes da esfera inteligível. Este conceito é concebido como Teoria das Idéias ou Teoria das Formas. Segundo Platão, o espírito humano se encontra temporariamente aprisionado no corpo material, no que ele considera a 'caverna' onde o ser se isola da verdadeira realidade, vivendo nas sombras, à espera de um dia entrar em contato concreto com a luz externa. Assim, a matéria é adversária da alma, os sentidos se contrapõem à mente, a paixão se opõe à razão. Para ele, tudo nasce, se desenvolve e morre. O Homem deve, porém, transcender este estado, tornar-se livre do corpo e então ser capaz de admirar a esfera inteligível, seu objetivo maior. O ser é irresistivelmente atraído de volta para este universo original através do que Platão chama de amor nostálgico, o famoso eros platônico. Platão desenvolveu conceitos os mais diversos, transitando da metafísica para a política, destas para a teoria do conhecimento, abrangendo as principais esferas dos interesses humanos. Sua obra é estudada hoje em profundidade, apresentando uma atualidade inimaginável, quando se tem em vista que ela foi produzida há milênios, antes da vinda de Cristo. Seu pensamento influencia ainda em nossos dias teorias políticas, psicológicas - como a junguiana -, filosóficas, espirituais, sociológicas, entre outros segmentos do conhecimento humano.

ARISTOTELES

Aristóteles é considerado um dos principais filósofos da Antiguidade, ao lado de Sócrates e Platão. Filho de Nicômaco, médico pessoal de Amintas, rei da Macedônia, nasceu na Estagira, em Calcídica, situada no litoral norte do Mar Egeu, no ano de 384 a.C. Com aproximadamente dezesseis ou dezessete anos, ele partiu para o centro cultural da Grécia, Atenas, optando pela Academia fundada por Platão. Aí o filósofo permaneceu, ao longo de vinte anos, até a morte de seu mestre. Neste período ele se dedicou também ao estudo da filosofia pré-platônica, o que influenciaria profundamente sua futura visão teórica. Ao ser rejeitado para substituir Platão na Academia, ele se muda para Assos, onde institui um grupo filosófico, assessorado pelo governante local, Hérmiias.

Permanece nesta localidade por três anos, casando-se com Pítias, sobrinha do tirano. Com o assassinio deste, ele segue para a Ilha de Lesbos, na qual ele empreende grande parcela de suas célebres pesquisas biológicas, tendência que alguns estudiosos atribuem à herança recebida de seu pai e do tio. No ano de 343 a.C., Aristóteles é convidado pelo Rei Filipe II para exercer o cargo de preceptor do Príncipe Alexandre, posto no qual ele permanece até 336 a.C., quando o nobre assume o trono. Retornando a Atenas, treze anos depois de sua partida, ele inaugura sua própria escola, próxima ao templo de Apolo Lício, sendo por isso

conhecida como Liceu. Ela também era apelidada de peripatética, dado ao hábito do filósofo de transmitir seus ensinamentos em uma palestra ministrada durante tranqüilo passeio pelas veredas do Ginásio de Apolo. Encontre a faculdade certa para você Este estabelecimento de ensino seria a real sucessora da Academia platônica. Com a morte de Alexandre, porém, Atenas se insurge e tem início uma revolta nacional, liderada por Demóstenes. Ao se sentir perseguido pelos atenienses, que não o viam com bons olhos, e o condenavam como ateu, ele se exilou por vontade própria em Eubéia. Um ano depois, em 322 a.C., Aristóteles, conhecido como o filósofo, pela vasta amplidão temática que dominava, deixa o corpo, com pouco mais de 60 anos. Considerado o inventor do pensamento lógico, ele se distinguia na ética, na política, na física, na metafísica, na lógica, na psicologia, na poesia, na retórica, na zoologia, na biologia e na história natural. Mais absorto em suas pesquisas, totalmente absorvido por suas idéias, Aristóteles foi um ser devotado à cultura, às elaborações intelectuais, à meditação, tornando-se assim mais distanciado da vida social. Ele percorreu todos os meandros da mente humana, dedicando-se amplamente à prática literária, produzindo assim uma vasta obra, da qual restam apenas alguns textos. A primeira compilação de seus escritos foi realizada por Andronico de Rodes, por volta da metade do último século a.C., incluindo Escritos lógicos, Escritos sobre a

física; Escritos metafísicos; Escritos morais e políticos:
a Ética a Nicômaco; Escritos retóricos e poéticos.

O HELENISMO

O que foi ?

É o período da história da Grécia Antiga e parte do Oriente Médio que vai de 336 a.C. (do início do reinado de Alexandre, o Grande da Macedônia) até 30 a.C.

(anexação do Egito, último reino helenístico, por Roma). Contexto histórico Alexandre, o Grande deu continuidade à política de expansão territorial de seu pai Felipe II. O Império Macedônico no período de Alexandre atingiu seu ponto máximo de conquistas territoriais. Abrangeu a Grécia, nordeste da África, Mesopotâmia, Anatólia até o rio Indo (na Índia).

Portanto, gregos, persas, assírios e hindus foram conquistados pelos macedônicos. Alexandre, o Grande, foi criado dentro da cultura grega, pois havia sido educado por Aristóteles, um dos principais filósofos da Grécia Antiga. Ele também teve contato também com a cultura oriental dos diversos povos que faziam parte do Império Macedônico. Esta fusão de aspectos culturais gregos e orientais é conhecida como Helenismo. Com a morte de Alexandre em 323 a.C. teve início o esfacelamento do Império Macedônico. O território foi fragmentado entre generais, enfraquecendo o poder.

Aproveitando do enfraquecimento político-administrativo do que restava, Roma conquistou o Império Macedônico no século I a.C. Características principais deste período: Nas Artes Plásticas e Arquitetura As influências artísticas da cultura grega espalharam-se por todo Império Macedônico,

influenciando artistas. O realismo e a temática voltada para o dramático foram as principais características deste período. Principais obras: Vitória de Samotrácia (escultura); Laocoonte e seus filhos (escultura em mármore); Altar de Pérgamo (estrutura arquitetônica dedicada a Zeus); Vênus de Milo (estátua de mármore). Na Filosofia Houve três importantes escolas filosóficas neste período: - Estoicismo: ética naturalista, visão unificada do mundo e lógica formal. Principais filósofos: Zenão de Cítio, Cleanto, Panécio de Rodes, Sêneca e Epicteto. - Epicurismo: busca da felicidade e da tranquilidade através do conhecimento do mundo (dos desejos, da morte, dos medos e dos deuses) e da moderação dos prazeres. Principal filósofo: Epicuro. - Ceticismo: a dúvida sobre as coisas do mundo é um dos principais preceitos do ceticismo. Principais filósofos: Pirro de Élis, Arcesilau e Carnéades. Na Literatura Infelizmente, grande parte das obras deste período foi perdida. Mas podemos destacar alguns escritores helenísticos como, por exemplo: - Calímaco: mitógrafo, poeta e bibliotecário grego, escreveu poemas épicos, hinos e epigramas. - Teócrito: a simplicidade foi uma das principais características de seus poemas épicos e bucólicos. Você sabia? O termo helenismo foi usado pela primeira vez em meados do século XIX pelo historiador alemão Johann Gustav Droysen.

O CINISMO

O Cinismo foi uma escola filosófica grega criada por Antístenes, seguidor de Sócrates, aproximadamente no ano 400 a.C., mas seu nome de maior destaque foi Diógenes de Sínope. Estes filósofos menosprezavam os pactos sociais, defendiam o desprendimento dos bens materiais e a existência nômade que levavam. A origem dessa expressão é um tanto controversa, pois alguns pesquisadores crêem que ela provém do Ginásio Cinosarge, espaço no qual Antístenes teria edificado sua Escola, enquanto outros afirmam que ela deriva da palavra grega *kýōn*, *kynós*, que significa 'cachorro', alusão à vida destes animais, que seria igual à pregada pelos cínicos. Aliás, o símbolo deste grupo era justamente a imagem de um cão. De qualquer forma, porém, ela se origina do grego *Kynismós*, passando pelo latim *cynismu*, e assim chegando até nossos dias. Hoje, através de desvios de significado, este termo se refere àqueles desprovidos de vergonha e de qualquer sentimento de generosidade em relação à dor do outro. Mas não por acaso, pois os cínicos desejavam se desprender de todo tipo de preocupação, inclusive com o sofrimento alheio. Sócrates já expressava seu repúdio pelo excesso de bens materiais dos quais a Humanidade dependia para sobreviver. Ele tinha como alvo a verdadeira felicidade, para a qual nada disso era necessário, pois ela estava conectada aos estados da alma, não a objetos externos. Posteriormente os cínicos

passaram a pregar justamente esta forma de viver, na prática diária. O nome de Diógenes, seu principal defensor, tornou-se praticamente sinônimo desta Escola. Segundo histórias antigas, ele encontrou-se com Antístenes assim que chegou a Atenas, mas este não queria a seu lado nenhum discípulo. Diógenes, porém, gradualmente convenceu-o do contrário. Encontre a faculdade certa para você Diógenes radicalizou as propostas de Antístenes, e as exemplificou em sua própria vida, com severidade e persistência tais que sua forma de agir atravessou os séculos, impressionando os estudiosos da Filosofia. Ele ousou quebrar a visão clássica do grego, substituindo-a por uma imagem que logo se tornou modelo para a primeira etapa do Helenismo e mesmo para o período do Império. Ele procurava um homem que vivesse de acordo com seu eu essencial, sem se preocupar com nenhuma convenção social, em harmonia com sua verdadeira forma de ser – somente esta pessoa estaria apta a alcançar a felicidade. Para este filósofo, a existência submetida apenas à teoria, escrava das elaborações intelectuais, sem o exercício da prática, do exemplo e da ação, não tinha nenhum sentido. Assim, sua doutrina seguia na contramão da cultura, do saber racional, pois ele considerava as matemáticas, a física, a astronomia, a música e a metafísica – conhecimentos super valorizados na época – sem nenhuma utilidade para a jornada interior do Homem. Ele radicalizava quando afirmava que as pessoas deveriam buscar seus

instintos mais primários, ou seja, seu lado animal, vivendo sem objetivos, sem nenhuma carência de residência ou de qualquer conforto material. Assim, elas encontrariam seu fim maior – as virtudes morais. A este estado de desprendimento ele chamava Autarcia ou Autarquia. Os cínicos, mais uma vez seguindo o estilo de Sócrates, não deixaram nenhum legado escrito. O que se conhece sobre esta Escola foi narrado por outras pessoas, geralmente de um ângulo crítico.

O EPICURISMO

O que é Epicurismo:

Epicurismo é um sistema filosófico, que prega a procura dos prazeres moderados para atingir um estado de tranquilidade e de libertação do medo, com a ausência de sofrimento corporal pelo conhecimento do funcionamento do mundo e da limitação dos desejos. No entanto, quando os desejos são exacerbados podem ser fonte de perturbações constantes, dificultando o encontro da felicidade que é manter a saúde do corpo e a serenidade do espírito.

Epicurismo é um sistema criado por um filósofo ateniense chamado Epicuro de Samos no século IV a.C. Existem vários fundamentos básicos do Epicurismo, porém, se distingue o desejo para encontrar a felicidade, buscar a saúde da alma, lembrando que o sentido da vida é o prazer, objetivo imediato de cada ação humana considerando sem sentido as angústias em relação à morte, e a preocupação com o destino. Os seguidores do epicurismo são chamados de epicuristas e, de acordo com o sistema filosófico, devem procurar evitar a dor e as perturbações, levar uma vida longe das multidões (mas não solitário), dos luxos excessivos, se colocando em harmonia com a natureza e desfrutando da paz. Outro valor defendido pelo epicurismo e seus defensores é a amizade. A amizade traz uma grande felicidade para as pessoas, já que a convivência pode ocasionar uma troca saudável de pensamentos e opiniões enriquecedoras. Segundo

Epicuro, o criador do epicurismo, as pessoas não podem viver de forma agradável se não forem prudentes, gentis com os outros e justas em suas atitudes e pensamentos sem viver prazerosamente. As virtudes então devem ser praticadas como garantia dos prazeres.

Estoicismo O estoicismo é uma doutrina da filosofia nascida na Grécia, que afirma que todo o universo é governado por uma razão universal divina que ordena todas as coisas, onde tudo surge a partir dele e de acordo com ele. O estoicismo propõe que os indivíduos vivam de acordo com a lei racional da natureza e aconselha a indiferença. O estoicismo possui duas consequências éticas: uma é que a pessoa deve viver conforme a natureza, e a segunda é que um homem sábio torna-se livre e feliz quando não se deixa escravizar pelas paixões e pelas coisas externas.

O CETICISMO

O Ceticismo é a doutrina do constante questionamento. O termo Ceticismo é de origem grega e significa exame, seu fundador foi Pirro, no século IV a.C.. Pintor nascido no Peloponeso, não deixou nenhum escrito filosófico sobre o assunto, mas desenvolveu um grande interesse por filosofia que o levou a fundar uma escola filosófica que garantiu sua reputação entre os contemporâneos. Pirro deixou como discípulo Tímon, que, por sua vez, produziu uma vasta obra escrita da qual só nos restaram alguns fragmentos. A escola cética criada por Pirro passa por um período de escuridão com a morte de seu fundador e renasce com Enesidemo, cujo período de vida não é muito bem determinado, porém sua obra é muito conhecida. A partir daí aparecem com destaque os nomes de Agripa, Sexto Empírico e Antíoco de Laodicéia. Até que chega ao fim o período do chamado Ceticismo Antigo. Como corrente doutrinária, o ceticismo argumenta que não é possível afirmar sobre a verdade absoluta de nada, é preciso estar em constante questionamento, sobretudo, em relação aos fenômenos metafísicos, religiosos e dogmáticos. Com o passar do tempo, o Ceticismo se dividiu em duas linhas, o filosófico e o científico. O Ceticismo Filosófico é exatamente esse que começa com a escola de Pirro e que se expandiu pela chamada “Nova Academia” que ampliou as perspectivas teóricas, refutando verdades absolutas e mentiras. Seus seguidores alegavam a impossibilidade

de alcançar o total conhecimento e adotaram métodos empíricos para afirmar seus conhecimentos. Assim, o Ceticismo Filosófico se dedicou a examinar criticamente o conhecimento e a percepção sobre a verdade. Encontre a faculdade certa para você O Ceticismo Científico tem, naturalmente, ligação com o Ceticismo Filosófico, que é a base de tudo. Porém não são idênticos e muitos dos praticantes do Ceticismo Científico não concordam as proposições da corrente filosófica. A corrente científica é a contemporânea, as pessoas que se identificam como céticas são aquelas que apresentam uma posição crítica geralmente baseando-se no pensamento crítico e nos métodos científicos para constatar a validade das coisas. Assim, ganha muita importância a evidência empírica, o que não quer dizer que os céticos façam seu uso constantemente. A necessidade de evidências científicas é mais recorrente na área da saúde, onde os experimentos não podem colocar em risco a vida das pessoas. Entre os céticos há os chamados desenganadores que dedicam-se ao combate contra o charlatanismo, expondo suas práticas falsas e não-científicas. Os religiosos afetados por esses indivíduos, quando chamados a provar suas convicções, preferem atingir pessoalmente os céticos e não discutir suas práticas. Por outro lado, há também o pseudo-ceticismo, que, invés de manter o perfil de questionamento, partem logo para a negação. Assim, o Ceticismo pode levar a um ciclo vicioso e tornar seu

praticante em um fanático tecnológico.

O ESTOICISMO

O estoicismo tira seu nome do Pórtico (Stoa), local de Atenas em que se reuniam seus adeptos.

Diferentemente do epicurismo, o estoicismo não está ligado a uma autoridade incontestável de um fundador.

A doutrina estoica se constitui progressivamente pelas contribuições sucessivas dos três primeiros chefes da escola: Zenão de Cício (322 a.C. – 262 a.C.), que depois de ter sido discípulo de Crates, fundou a escola cerca de 300 a.C.; Cleanto de Assos (312-232) e Crisipo (227-204 a.C.). O estoicismo médio é representado essencialmente por Panécio (180-110) e Possidônio (135-51), que tiveram o grande mérito histórico de introduzir o estoicismo em Roma. O novo estoicismo se desenvolveu em Roma sob o império e está ligado a três grandes nomes: Sêneca (0-65 d.C.), Epitecto, um escravo, (50-125 d.C.) e o imperador Marco Aurélio (121-180). A filosofia estoica é a primeira da história a considerar-se “sistemática”. A palavra sistema designava em grego a constituição de um organismo ou de uma cidade e foram os estoicos que a aplicaram pela primeira vez à filosofia, querendo significar que a sabedoria é um todo. Sua divisão em partes somente era possível fazer didaticamente, segundo as necessidades do ensino, mas com a condição de compreender que cada parte é solidária às outras e que o abandono de uma só delas provoca a ruína do conjunto. Para o estoico, é preciso estar em

consonância com a natureza para atingir a sabedoria. Assim, faz-se necessário entender que o único bem que existe é a retidão da vontade e o único mal, o vício. O que não é nem virtude nem vício é indiferente. Assim, a doença, a morte, a pobreza, a escravidão, por exemplo, não são males, são indiferentes porque o sábio é, por definição, feliz, mesmo no sofrimento. O mau é sempre infeliz, uma vez que aflige a si próprio, pelo seu vício. A experiência estoica consiste na tomada de consciência da situação trágica do homem condicionado pelo destino. Assim, não estamos absolutamente entregues e sem defesa aos acidentes da vida, aos revezes da fortuna, nem à doença e à morte, mas temos, e nada nos pode tirar isso, a vontade de fazer o bem, a vontade de agir de acordo com a razão. Segundo o estoicismo, há uma oposição radical entre o que depende de nós e pode ser bom ou mau, porque objeto de nossa decisão, e o que não depende de nós, mas de causas exteriores, do destino, e é indiferente. Isto significa que: É na conformação ao destino que está nossa liberdade e onde se pode exercer a escolha moral; Na vontade de fazer o bem é que se encontra a nossa liberdade, a independência, a invulnerabilidade, o valor eminentemente estoico, a coerência consigo mesmo; Não há diferença entre viver segundo a razão e segundo o destino, pois a mesma coisa não pode ser universal e constantemente agradar senão o que é moralmente direito. A frase de Epiteto “não deseja que o que acontece aconteça como

queres, mas queiras que o que acontece aconteça como acontece e serás feliz”. Isto significa que: Não quer dizer que há um inconformismo indiferente, uma vez que tudo é determinado pelo destino; Quer dizer que há uma indiferença que consiste em não fazer diferença, mas em querer, em amar mesmo, de modo igual, tudo o que é determinado pelo destino; Não quer dizer que o estoico é indiferente porque não se pode saber se uma coisa é boa ou má; Não quer dizer que há aí uma moral da indiferença. Por isso, instituíram a teoria dos deveres, entendendo que: É preciso agir segundo uma ação apropriada que em parte depende de nós, pois supõe uma intenção moral e em parte não depende; O que importa no agir é a intenção moral e não o resultado; A vida política e as demais atividades são apropriadas à natureza humana e têm um valor; O filósofo deve orientar-se na incerteza da vida cotidiana ao propor-lhes escolhas razoáveis. Quanto à física, os estoicos propõem: Uma física da continuidade; Há um princípio ativo que atua no universo (o pneuma = o sopro vital) que penetra o universo inteiro, tanto nas suas regiões sublunares como as celestes; O pneuma age à maneira de um campo de forças que mantém juntas as partes do universo e que impede a sua dissipação no vazio infinito, assegurando de igual modo a individualidade de cada ser à sua maneira de uma alma; Este pneuma, princípio de organização, quando encarado na sua realidade física, é o próprio Lógos universal; O mundo não é governado por Deus, mas é

ele próprio deus e o destino, que liga entre si os acontecimentos do universo, outro nome para Providência; Nada acontece na natureza que seja contra a razão: a monstruosidade, a doença, o sofrimento, a morte, só aparentemente são males. O filósofo, capaz de unir o particular ao todo, reconhece que eles se inscrevem na ordem universal; A física culmina com a teologia do deus cósmico; A física tem um fundo ideológico: foi concebida em nome das necessidades de uma causa político-moral; Não há nenhum outro mundo para além daquele em que vivemos. Só existe a realidade que se dá aos nossos olhos. Assim, a física estoica concebe a ação física a partir da ação de um corpo que penetra em outro em sua plenitude, constituindo uma espécie de materialismo espiritual. O pneuma atravessa a matéria para animá-la e converte-se, no momento mesmo em que a atravessa, em puro espírito.

O PLATONISMO TARDIO

ATHANASSIADI, Polymnia. La lutte pour l'orthodoxie dans le platonisme tardif: de Numénius à Damascius. Paris: Les Belles Lettres, 2006.

Comprender a tradição platônica, considerando o arco que se estende de Numênio a Damáscio, pela designação de platonismo tardio faz com que o estudioso possa situar-se em duas perspectivas fundamentais. Que tal platonismo forma-se como continuidade temática e reflexiva com relação à tradição filosófica grega anterior a ele. E, em segundo lugar, que o fio condutor que a articula é sua fidelidade a Platão, sobretudo em sua releitura de outros filósofos, como Aristóteles ou os estóicos. O estudo de Polymnia Athanassiadi, *La lutte pour l'orthodoxie dans le platonisme tardif*, parte da idéia de que os escritos platônicos constituem um cânon cujo seguimento é o que caracteriza o procedimento exegético da escola. No grande ecúmeno no qual ocorre a constituição e afirmação das tradições das assim chamadas "religiões do livro", a tradição platônica tardia formar-se-ia na luta pela ortodoxia. Trata-se de uma leitura moderna pretender compreender os autores de modo fragmentado, separando-os da aíresis platônica. Portanto, pode-se considerar que a perspectiva presente nos estudos contemporâneos fragmentam e desvinculam tal platonismo de seu *Sitz-im-Leben*. 1. Relacionada ao culto da figura de um Platão divinizado,

o "divino Platão", sabe-se que o termo platôníkós denota uma escolha espiritual, com tudo aquilo que a opção implica de crença metafísica, visão teórica do mundo, atitude moral e gênero de vida (cf. p. 23). É nesse sentido que aquelas designações de "médio" ou "neo" platonismo são calcadas em classificações artificiais e distinções que seriam incompreensíveis aos olhos dos próprios platônicos. E eles partilharam da luta cotidiana contra a "hidra da heterodoxia" (p. 23). Há uma idéia fundamental que baliza os termos de tal ortodoxia, qual seja, a noção de heresia, relacionada à polissemia do termo aíresis, que guardará dois sentidos fundamentais: a) Designa, inicialmente, a pertença a uma escola filosófica, remetendo-se ao sentido, comum no período helenístico, de uma doutrina filosófica, com seu modo de vida. Divorciada da escola, em seu sentido unicamente topográfico e institucional, a aíresis estóica, epicúrea ou cínica constitui um código de vida e pensamento válido em qualquer parte do ecúmeno (cf. p. 22). b) Mas aíresis passa progressivamente a designar o estar fora da doutrina, referindo-se àqueles que sustentam uma doutrina perniciosa. Tal ambigüidade pode ser vista em um texto dos Atos dos apóstolos (24, 5), citado precisamente para indicar os elementos partilhados pelos grupos religiosos ou filosóficos do período. Na referida narrativa, Paulo é acusado de pertencer a uma seita (aíresis tôn Nazôraiôn), em sentido pejorativo. Paulo diz pertencer a uma aíresis, empregando o termo em seu sentido

helenístico, isto é, de uma escola de pensamento e de vida. Mas em 2 Pd 2, 1, aíresis aparece novamente em sentido negativo: "Haverá falsos doutores que introduzirão sorrateiramente doutrinas perniciosas (aíresis apôleías)". Logo, a aíresis, no sentido de escolha de vida, torna-se a heresia, tomada como um outro modo de ver, de pensar e sentir perigoso, inadequado com relação à correta exegese da revelação; portanto, condenável e perecível (cf. p. 21). Ora, Athanassiadi questiona se os platônicos continuam a empregar o termo em seu sentido helenístico, notando que: Plenamente integrados em sua sociedade, os gurus do platonismo entregam-se a um combate cotidiano pela formação de uma regra de fé fundada sobre a leitura e a interpretação orientada de um conjunto de textos que estão à disposição da comunidade dos que escrevem e se dizem pertencentes à família platônica (p. 22, grifo nosso). Além disso, tomada como um sistema fechado, formado por um número definido de textos, que apóiam sua autoridade na revelação divina, a noção de cânon, da qual deriva uma leitura canônica da tradição filosófica, elimina do percurso intelectual todas as leituras concorrentes (cf. p. 28). Tal o critério para que os platônicos pudessem distinguir erro e verdade, configurando-se assim um "discurso platônico" ortodoxo (cf. p. 114). Partícipe de um Zeitgeist (noção recuperada nesse contexto, cf. p. 26), o platonismo partilharia com seus contemporâneos cristãos a

mesma recusa da heterodoxia com relação à doutrina estabelecida (cf. p. 112-116). Aliás, Athanassiadi nota que há uma grande quantidade de estudos a esse respeito, relativos às tradições judaica e cristã, mas a quase completa ausência da consideração desse aspecto no âmbito do platonismo do período. A diversidade existente entre tais autores poderia negar o mito da continuidade, mas foram os próprios platônicos que inventaram e perpetuaram uma "mitologia da escola" (p. 24). Plotino, segundo Athanassiadi, interpreta a herança platônica como uma "teologia". Jámblico, por sua vez, lança as bases para a criação de uma comunidade religiosa. Por outro lado, é a figura de Numênio que inicia uma "cadeia mística", enraizando Platão na tradição pitagórica e, de outro lado, purificando a árvore platônica de todo parasita cético. A estrutura da obra constrói-se, portanto, realizando uma análise de cada caso de consolidação desta "cadeia de ouro" (chaîne d'or) do platonismo. Um dos eixos para a compreensão do caráter revelado do platonismo é a formação e consolidação dos Oráculos caldaicos, aos quais é dedicado todo o capítulo 1, como uma espécie de escritura sagrada. Após considerar o problema da revelação e constituição do cânon, a análise volta-se para os referidos casos de Numênio, Plotino, Jámblico e Damáscio. Os platônicos seriam, segundo este último filósofo, uma "raça de homens divinos" (génos theíôn anthrôpôn), distinguindo-se dos outros e vivendo de modo separado da sociedade (cf.

p. 25). Tal idéia de que os platônicos formam uma "raça sagrada" já estaria presente em Plotino.

Athanassiadi apóia-se em V 9 [5], 1, 16, notando, contudo, a ausência do caráter "ascético" que estará presente em Damáscio. Todavia, em ambos os casos, o dado essencial é a superioridade da comunidade platônica. Aliás, é nesse texto do tratado 5, conforme a ordem cronológica das Enéadas, que se lê uma recusa aos epicuristas, por não conseguirem desvencilhar-se do sensível, e aos estóicos, por estarem presos ao mero âmbito da práxis. Isso confirma as observações feitas segundo as quais há, já em Plotino, uma imagem da história da Filosofia, estritamente afirmativa, de um ponto de partida canônico com relação a Platão. 2. É nessa perspectiva que Athanassiadi toma, no caso de Plotino, as refutações à aíresis dos gnósticos, que comporiam uma verdadeira paideía antignóstica (composta pelos tratados 30, 31, 32 e 33), para empregar os termos de V. Cilento, tese partilhada por outros estudiosos (como Harder e Hadot). Athanassiadi nota que há uma mudança de tom no tratado 33 (segundo a ordem cronológica dos escritos) com relação aos tratados anteriores (30, 31 e 32), nos quais os argumentos antignósticos eram comparáveis aos argumentos contra Aristóteles ou os epicuristas, isto é, mantendo uma crítica em tom sereno. Contrasta com tal postura a ironia e a virulência dos argumentos presentes no tratado 33, o que permite que Athanassiadi o interprete como um tratado único,

opondo-se à leitura corrente, que o relaciona aos três tratados anteriores (p. 124). É correto dizer que é a audácia (tolma) gnóstica o elemento a partir do qual Plotino entende a temeridade filosófica, isto é, o afastar-se da tradição daquela verdade há muito enunciada pelos antigos e da qual o filósofo não é mais do que exegeta. É tal audácia o pólo do qual irradia toda uma série de impropriedades filosóficas enunciadas pelos gnósticos, "bestas negras" (bêtes noires) para Plotino, conforme o título do capítulo 4 (p. 121-145). Note-se, ainda, que Plotino mobilizaria contra eles o arsenal heresiológico da época (p. 135). Além de se apoiar quase que unicamente no tratado contra os gnósticos e no texto de V 1 [10], 8, Athanassiadi radicaliza seu prisma analítico, dizendo que Plotino pode agrupar tais impropriedades que afastam seus interlocutores da tradição sob o título de heresia, isto é, aqueles que já estão fora da autêntica aíresis. Apesar da pertinência do fato de não podermos "modernizar" a interpretação, fragmentando a tradição na qual Plotino está inserido, com dificuldade, podemos deixar de nuançar tal perspectiva quando consideramos, mais longamente, nos primeiros capítulos do texto de III 7 [45], o famoso tratado Sobre a eternidade e o tempo. Com relação a tal texto, T. A. Szlezák, em seu *Plato und Aristoteles in der Nuslehre Plotin*, já notava que não podemos dizer que há uma pretensão clara de afastamento do platonismo por parte de Plotino. Em outras palavras, dificilmente

podemos dizer que há uma perspectiva crítica plotiniana com relação a Platão. Talvez não possamos, efetivamente, sustentar uma tese contrária a essa afirmação, mas repensando a constituição do campo exegético plotiniano, podemos considerar a noção de que a verdade pode ser investigada pelo contato noético que se articula pelo exercício rememorativo, tal como os antigos o fizeram, e que aparece de modo claro no referido texto plotiniano. Nele, Plotino elabora uma espécie de exame doxográfico, no qual são examinadas as opiniões sobre o tempo, concluindo com uma pretensão de posicionamento autônomo com relação à questão. Ou seja, sua postura essencialmente zetética guarda uma nuance com relação à ortodoxia platônica. O estudo de Athanassiadi ressalta que Plotino se comporta segundo uma mentalidade canônica, uma vez que a rejeição de alguns autores visa à tarefa de estabelecer e reafirmar a única interpretação válida da metafísica de Platão (cf. p. 28). Aliás, a referência textual é, aqui, a passagem da *Vita Plotini*, 14, 17, na qual Porfírio diz que seu mestre lia os textos platônicos, interpretando-os segundo o espírito de Amônio. Athanassiadi lê esse relato porfiriano como indicando uma referência a tal interpretação ortodoxa, "canônica". Ora, se situarmos, contudo, o texto em seu contexto estrutural, essa perspectiva não aparece com clareza, pois Porfírio ressalta, de início, a diferença do método de leitura plotiniana dos textos platônicos com relação à filologia alexandrina (*Vita Plotini*, 14, 18-20).

Plotino lê os textos de Platão como filósofo e não como filólogo, afirmação que nos remete ao sentido de "filósofo" nos diálogos platônicos (veja, por exemplo, o comentário de J. Pépin a essa passagem em: *La vie de Plotin*. Paris: Vrin, 1992. v. 2. p. 477-501). 3. Se assumirmos a perspectiva de leitura da exegese plotiniana de Platão, considerada de um ponto de partida canônico ou de um platonismo ortodoxo, como pretende esse notável estudo, as dificuldades permanecem. Aliás, além de podermos ponderar que a passagem da noção de cânon em seu sentido cristão ao sentido pagão (platônico) é feita com um salto, configurando um hiato com relação à praxe exegética plotiniana (cf., por exemplo, p. 114), teríamos de assumir uma tese já defendida, embora sob outra perspectiva, por vários intérpretes de Plotino. A idéia é que Plotino encontra, em Platão, uma doutrina, não um conjunto de teses filosóficas a partir das quais se fará o itinerário investigativo do lógos. Ora, de um lado, sabemos que a formação de um "corpus canônico" platônico não se cristaliza senão a partir de Jâmblico (cf. a própria observação de Athanassiadi, p. 28). De outro, é por essa razão que o conteúdo nuançado dos textos de Plotino ou Proclo se distancia enormemente das características presentes nos últimos platônicos que fecham a síntese religiosa do mundo tardo-antigo, ou seja, a de um universo do sobrenatural, do mágico e do teúrgico (cf. p. 29). Uma palavra, ainda, sobre a divinização de Platão ressaltada pelo estudo. O sentido

da designação de "o divino Platão" e "homens divinos e bem-aventurados", referindo-se à tradição anterior, é muito diverso, se compararmos sua significação em Plotino com relação a Damáscio. Se, no último, há uma perspectiva religiosa, que se consolida em Jâmblico, em Plotino, essas referências aparecem no interior de contextos exegéticos, nos quais o filósofo examina as opiniões e teses a respeito de uma determinada questão, tal como, por exemplo, a dos primeiros princípios da realidade. Tal é o caso do modo como aparecem no tratado V 1 [10], 8, que versa sobre as hipóstases ou princípios do real. Ou, ainda, em VI 9 [9], 11, 45-51, a makaria e a eudaimonia referem-se aos que buscam a similitude com o divino no processo de ascensão para o Uno; esses são os verdadeiramente homens divinos e felizes. Nesse sentido, a pertença filosófica à família platônica seria menos um a priori do que uma consequência de tal itinerário. Instigante e complexo, por obrigar o leitor, no mínimo, a repensar seus paradigmas interpretativos e por transportá-lo para o coração do contexto filosófico-religioso da Antigüidade tardia, o estudo leva à discussão crucial da impossibilidade de se compreender, de modo adequado, o platonismo tardio, sem que se considere seu posicionamento frente ao passado. É a partir de tal posicionamento que se inicia a démarche filosófica de cada um dos platônicos, em sua situação vital e em seu processo de formação. Aberta é a questão do teor e do estatuto do fio condutor que articula a postura

filosófica específica de cada um deles, o que circunscreve a tensão entre tempo lógico e tempo histórico, continuidade e ruptura.

CONCLUSÃO

Origem e Conceito da Filosofia O nascimento da filosofia ocorre em meados do século 7 a.C na Grécia Antiga com a passagem do logos ao mito nas investigações dos filósofos Pré-Socráticos, que formulam teorias sobre a natureza e a origem do mundo a partir da razão, sem recorrer às explicações míticas tradicionais na civilização. Surgem então alguns dos principais problemas filosóficos, como a metafísica de Parmênides, com suas assertivas sobre o ser. O termo filosofia surge no interior da escola pitagórica, significando “amizade ao saber” (philos + sophia), sendo a sofia aquela “vibração” que emana do sábio (sofos). Filosofia Clássica Tais filósofos são assim chamados por serem considerados pela tradição predecessores de Sócrates. Sócrates, seu discípulo Platão e Aristóteles formam a tríade do período clássico, pois são considerados os verdadeiros inauguradores da filosofia, formulando teorias não somente sobre o mundo, mas também sobre o homem e sua alma. O conceito de verdade e de ciência é definido pelo conhecimento filosófico, cuja busca procura um parâmetro não-relativo para as nossas possibilidades de sabedoria. Por isso mesmo seus inimigos clássicos são os sofistas, teóricos que viajavam pelas cidades gregas ensinando a oratória

aos jovens e gabando-se de poderem defender qualquer ponto-de-vista , somente pelo poder do discurso, sendo assim, relativistas. A tradição filosófica triunfante é platônico-aristotélica, a Escola de Atenas, sendo assim os sofistas sofreram estigmatização no decorrer dos séculos, mas contemporaneamente foram revalorizados como humanistas e defensores da democracia.

Período Helenístico Após o período clássico e a fundação da Academia de Platão e do Liceu de Aristóteles, temos o Helenismo. Com o macedônico Alexandre Magno, a influência do grego se expande por várias regiões, e o pensamento filosófico é difundido e fundido com inúmeras tradições e escolas. Algumas das correntes notáveis da filosofia helenística no Período Helenístico são o epicurismo (hedonismo), estoicismo, o neoplatonismo e o estoicismo. Aqui encontramos vários textos, artigos, ebooks e resumos sobre este período. Explore as opções na lista abaixo e boas pesquisas!

Jorge Ribeiro de Sousa

Nascido na Bahia em 1972.

Estudou Filosofia na Ucsal e em Roma (Upra e PUG) e Teologia em Roma. Sacerdote católico desde 1998, na Arquidiocese de Feira de Santana, Bahia, onde exerce o ministério presbiteral e ensina filosofia na Facfs.

Escreve sobre antropologia e poesias